

## **Educação Ambiental na Alfabetização de Adultos: do Cotidiano para a Sala de Aula, da Sala de Aula para a Vida**

Área Temática de Meio Ambiente

### Resumo

A sociedade atravessa momentos críticos nas relações entre os seres humanos e outros elementos da natureza. A Educação Ambiental objetiva conscientizar pessoas para mudanças de valores e atitudes em relação ao ambiente, contribuindo para minimizar conflitos. Para que a educação formal cumpra este papel é necessário investimento na formação de educadores, visando inserir a EA no cotidiano das pessoas. Na escola, o desconhecimento do fazer é ainda um obstáculo para a consolidação permanente da EA. Este aspecto evidenciou-se nos programas de alfabetização de adultos, fato que motivou reflexão sobre um caminho metodológico, tendo como lócus de experimentação o Programa de Alfabetização Solidária da UFPB. Este trabalho objetivou a implantação de uma metodologia para a EA no cotidiano escolar do PAS, devidamente articulada com a metodologia freiriana. A metodologia consiste de três etapas: a) Levantamento dos conflitos ambientais locais; b) Organização temática por ordem de relevância; c) Planejamento contemplando o TEMA GERADOR, articulado com outros saberes. Observamos a aceitação da metodologia pelos coordenadores setoriais e alfabetizadores; facilidade na articulação dos conteúdos específicos com o tema gerador; reconhecimento da importância de discussões sobre questões ambientais locais. A metodologia é eficiente e de fácil execução, necessitando de investimentos na sua disseminação.

### Autora

Aurora Maria Figueirêdo Coêlho Costa. Bióloga, Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFPB

### Instituição

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Palavras-chave: educação ambiental, educação, ambiente

### Introdução e objetivo

A sociedade global atravessa momentos críticos no que diz respeito às relações entre os seres humanos entre si, e destes com outros elementos da natureza. Há um perceptível distanciamento de condutas e valores, exemplificado pelo aumento da violência no meio urbano e no campo, pelo desmatamento, pela emissão de efluentes industriais em cursos d'água, pelo abandono do idoso, pela exploração do trabalho infantil, pela desagregação familiar, pela exploração de seres humanos no trabalho escravo, na prostituição, pelo desamor, pela miséria em vive grande segmento da população mundial dentre tantos outros.

É possível discutirmos indefinidamente as causas, efeitos e possíveis soluções para cada um destes conflitos ambientais, mas, chegaremos a conclusão de que a minimização destes, passa necessariamente, por mudanças de atitudes das pessoas, fruto de uma mudança também na forma de ver e compreender os processos. Para que isto aconteça é necessário o conhecimento, a discussão-reflexão, formulação de novos paradigmas e posicionamentos.

Percebe-se, entretanto, uma postura de acomodação e inércia na sociedade diante de conflitos que a atinge, direta ou indiretamente. É importante lembrar, que os conflitos

ambientais nem sempre se mantêm em um determinado território. É comum ultrapassarem fronteiras municipais, estaduais ou mesmo nacionais. A história recente relata acidentes ambientais como o de uma fábrica têxtil, cujo reservatório de efluentes rompeu-se contaminando o rio Cataguases, no Sudeste do Brasil, responsável pelo abastecimento de inúmeras cidades ao longo de seu curso.

As manifestações populares em relação a este desastre, assim como em relação a outros que ocorreram ao longo da história recente apontam para uma grave situação de acomodação e inércia da sociedade diante de fatos que fragilizam o ambiente, danificando-o e muitas vezes tornando irreversível o funcionamento saudável de sistemas. Há, portanto, uma perceptível postura de domínio do ser humano sobre os elementos da natureza.

Podemos assumir como justificativa para o descaso as palavras de Chassot (2003, p. 139) que ressalta que as evidências sobre os problemas ambientais, causados pela excessiva manipulação antrópica dos recursos naturais, e os desequilíbrios resultantes são tão grandes e tão divulgadas pela mídia que se tornaram lugar-comum. Uma das grandes preocupações dos tempos atuais é a demanda cada vez maior da sociedade por bens de consumo. Isto faz com que os recursos naturais, ou melhor, as necessidades de energia para transformá-los torne-se cada vez mais crítica.

Leonardo Boff (1999, p.35) em seu livro *Saber Cuidar* expressa sua preocupação com o posicionamento humano em relação aos seus pares e demais seres vivos. Ele questiona: *Que compreensão de ser humano está submetida no projeto científico-técnico de dominação da natureza? A resposta mais provável será: o ser humano se entende (ilusoriamente) como o ápice do processo de evolução, o centro de todos os seres (antropocentrismo) e considera que as demais coisas, especialmente a natureza, só têm sentido quando ordenadas ao ser humano; ele pode dispor delas ao seu bel-prazer. Que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano.*

Colocado este pensamento de Leonardo Boff, assumimos o questionamento: em que momento um largo segmento da humanidade optou por desconhecer-se como ser cuidador e passou a manifestar-se como ser usurpador, destruidor daquilo que a outros pertence? Quais fatos ou fatores contribuíram para mudanças são significativa nos valores e modos de agir?

O interesse pelos ganhos momentâneos quando colocados acima do bem-estar dos seres humanos e do equilíbrio dos ecossistemas representa uma significativa ameaça à sobrevivência dos seres vivos na terra.

Em seu texto, Elizabeth Santos (2001) diz que a aceleração da história nos apresenta o desafio da necessidade de transformação dos parâmetros comuns que orientavam nossas ações na interpretação do mundo.

Diante deste cenário pode-se afirmar que a sociedade precisa de uma imediata mudança na forma de enxergar e agir sobre o ambiente. Urge a concretização de programas e ações intermediadores e impulsionadores de mudanças, e aí, conta-se, historicamente, com processos educativos, sejam formais ou não-formais. Sobre este aspecto Santos (2001, p. 25) citando Medina sugere que: “a educação assume um papel primordial, adquire novos significados no processo de construção de uma sociedade sustentável, democrática, participativa e socialmente justa”

Santos (2001) afirma ainda que a educação deverá liberar-se da fragmentação imposta pelo paradigma positivista e da racionalidade instrumental e econômica de seus estreitos pontos de vista; deve por em dia seu retardo com relação ao conhecimento produzido pelos

mais importantes cientistas e artistas de nossa época; e unir forças com outras instituições sociais, na construção de um novo mundo mais humano e sustentável. A questão é se poderá e saberá fazê-lo e quando o fará.

Para que a educação formal possa cumprir este importante papel social se faz necessário um permanente investimento na formação de educadores para a inserção da Educação Ambiental (EA) no cotidiano escolar. Dentre as barreiras a serem transpostas está o convencimento dos atores escolares acerca da necessidade de investimentos pessoais e coletivos, tanto no que diz respeito à formação quanto da elaboração de materiais, estratégias e caminhos que possibilitem a produção de conhecimentos que venham promover mudanças na compreensão do ambiente.

Acerca da questão metodológica Costa (2001, p.83) revela que o desconhecimento do “como fazer” EA na escola é o grande obstáculo para o “não fazer”, ou mesmo o “não buscar fazer”.

No Brasil são muitas as iniciativas que objetivam a formação de professores para a EA, utilizando os mais diversos caminhos metodológicos. Todavia, para a alfabetização de adultos são os relatos que dão conta de ações de EA direcionadas a este universo da educação formal.

Refletindo sobre a EA na alfabetização de crianças Gaudiano (1996 38-41) afirma que “la alfabetización es un signifiante que suele estar referido al aprendizaje de las nociones básicas de la lectura y escritura y la adquisición de las operaciones aritméticas elementales”. A pertinência desta afirmação no que diz respeito a alfabetização de crianças pode ser assumida, com segurança, também para a alfabetização de adultos.

Mesmo reconhecendo que temos pressa em corrigir a dívida social com a larga parcela da população sem acesso à escola, temos convicção da necessidade de investimentos numa alfabetização que contemple questões ambientais, como forma de ampliar para os alfabetizando o leque de oportunidades para a formação cidadã. Inspirando-se em Paulo Freire, Gaudiano (1986, op. cit.) diz que: *Alfabetizar es un proceso de concientización, entendido como liberación de la conciencia para que el analfabeto se asuma como sujeto de la historia, de su historia. Esse proceso de liberación de la conciencia implica poder posicionarse más adecuadamente en su momento y en su realidad social, con el mundo.*

Esta situação nos motivou à reflexão acerca de possibilidades metodológicas para a Educação Ambiental, no que culminou com a elaboração de uma proposta vinculada ao planejamento de ensino (COSTA, 2002, p. 164), tendo como motivador a percepção da dificuldades dos professores em superarem a realização de ações pontuais como campanhas, gincanas e comemoração de datas, à guisa de estarem promovendo uma educação voltada para o ambiente.

Por outro lado, a Universidade Federal da Paraíba desenvolve um programa de amplo alcance estadual, envolvendo mais de cinquenta municípios e atingindo aproximadamente 12.500 jovens e adultos em processo de alfabetização.

Sendo este programa por si só um grande desafio, ousamos mais ainda ao concebermos uma proposta complementar para a formação do alfabetizador que resulta na ampliação de suas responsabilidades em sala de aula. Mas, o que seriam os processos educativos sem o componente desafio? Chassot (2003, p. 137) expõe que há um continuado desafio: o quanto nós educadoras e educadores de professoras e professores somos capazes de envolve-los nas discussões dos problemas que lhe são mais próximos. Estes são suficientemente relevantes para transformar nossas alunas e alunos em mulheres e homens críticos, que serão responsáveis pela construção de uma sociedade com menos desigualdades.

Chassot (op.cit) lembra que em seu texto de 1994 Heloísa Penteado afirma que a importância da educação se insere no próprio encaminhamento da problemática ambiental. Ela diz ainda que as questões ecológicas reclamam: a necessidade de serem analisadas pelas

Ciências humanas; a formação de uma consciência ambiental, trabalho a ser desenvolvido pela educação; e a abordagem sócio-política da questão.

Foi pensando em enriquecer o processo educativo de alfabetização de jovens e adultos que ousamos adaptar a metodologia criada primeiramente para o ensino regular. Este trabalho apresenta um caminho metodológico que permite a inserção da EA na alfabetização de jovens adultos, tendo como lócus experimental as salas de aula dos municípios assistidos pela Universidade Federal da Paraíba. Foi adaptada de uma proposta originalmente elaborada para o ensino fundamental (COSTA, op.cit., p. 137-171) e amplamente testada na disciplina Didática e Metodologia para o Ensino Fundamental e em Cursos de Extensão de Educação Ambiental destinados a professores do Ensino Básico.

Pretende-se com esta proposta trazer as questões ambientais vivenciadas pelos alfabetizando para dentro da sala de aula e torná-las articuladoras dos conteúdos específicos das demais disciplinas e conteúdos do Programa Alfabetização Solidária.

## Metodologia

O referencial teórico-metodológico da UFPB para o PAS

A Universidade Federal da Paraíba está presente no Programa alfabetização solidária desde o ano de 1998, quando adotou a Pedagogia Freiriana como orientação para a alfabetização de adultos.

Esta opção deu-se pelo reconhecimento de aspectos importantes contidos nos ensinamentos freirianos, quando este propõe que a educação deve promover nos indivíduos a emancipação, criticidade, capacidade de mudar sua realidade como cita em seu texto Paulo Freire (1980, p. 35): *Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto para intervir na realidade para muda-la.*

E ainda (FREIRE, op. cit. p. 38): *A partir das relações que estabelece com o seu mundo, o homem criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor...*

É importante ressaltar a afinidade existente entre os fundamentos da EA e a proposta pedagógica assumida pelo PAS/UFPB, que tem como referencial a adoção de comportamentos e atitudes que valorizam o ser humano, que minimizam os conflitos existentes entre estes, que preconizam a ética, o espírito crítico-responsável, a solidariedade e o posicionamento diante dos problemas.

Além disto o processo metodológico de alfabetização proposto por Paulo Freire, que sugere a adoção de palavras geradoras oriundas do universo vocabular dos alfabetizando, aceita plenamente a metodologia para a inserção da EA, que apresentamos em seguida.

O caminho proposto para a EA na alfabetização de adultos

O processo de formação do alfabetizador se inicia numa jornada de 40 horas quando, num primeiro momento, são levados ao conhecimento dos alfabetizando questões relacionadas ao funcionamento do programa; em seguida introduzem-se as questões pedagógicas propriamente ditas, iniciando-se pela pedagogia freiriana com devido cuidado na abordagens dos passos da alfabetização.

A temática ambiental é introduzida após uma ampla discussão acerca da questão ambiental, como se instalou a partir das relações históricas do ser humano com os demais elementos do ambiente. É importante também a abordagem e discussão sobre os conflitos ambientais mais importantes, buscando-se dar uma visão do global ao local, de modo que, seja possível chegar aos conflitos locais com maior compreensão.

Ao serem abordados os planejamentos de curso e de aula, é então apresentada a proposta de planejamento – mostrada em seguida – que agrega as disciplinas convencionais.

Ao regressarem aos seus municípios os alfabetizadores iniciam sua etapa de alfabetização dos alunos matriculados, intercalada por reuniões de avaliação e planejamento. São construídos planos de aula contemplando as consultas realizadas previamente junto ao alunado, que subsidia a construção do planejamento interdisciplinar.

O processo planejamento contemplando as questões ambientais locais consiste de três etapas:

- levantamento de conflitos realizado no início de cada módulo. A consulta deve ser realizada junto aos alfabetizando, visando identificar os conflitos ambientais vivenciados pelos mesmos;

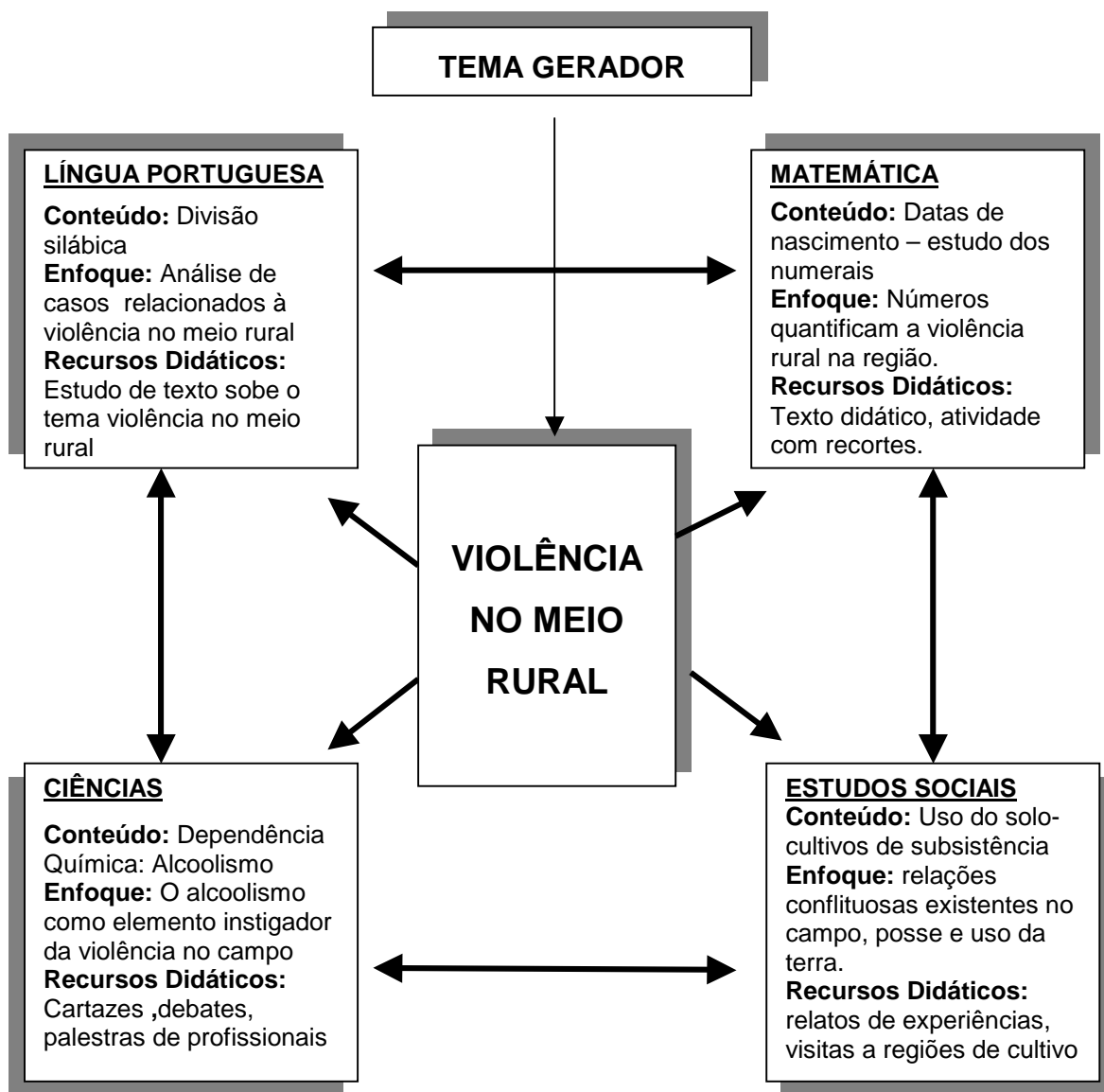
- organização dos temas levantados. Esta segunda etapa do planejamento, visa organizar os temas indicados pelos alfabetizando de modo a eleger aquele de maior relevância para a realidade local. Este tema será então assumido como tema gerador. Os demais temas, considerados subtemas ou temas secundários, devem ser utilizados na seqüência da programação didática, de acordo com a lógica e afinidade com o tema principal.

- planejamento contemplando o tema gerador. Esta etapa diz respeito ao planejamento multidisciplinar contemplando as áreas de: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, como demonstra o gráfico apresentado mais à frente.

Mesmo num plano de aula simplificado, três itens devem ser priorizados: os conteúdos da disciplina, e sobre estes é importante ressaltar que esta proposta não pretende mudanças nos conteúdos disciplinares convencionais e nem na seqüência lógica dos mesmos; o enfoque, que orienta a direção da discussão, no sentido de “amarrar” os conteúdos ao tema gerador e os recursos didáticos, cujo planejamento cuidadoso e criativo pode beneficiar, sobremaneira, o processo ensino-aprendizagem.

É pertinente lembrar as dificuldades vivenciadas tanto por professores quanto por alunos de programas de alfabetização de adultos no que se refere á freqüência, motivação e rendimento dos alunos. Os recursos didáticos são elementos que devem ser cuidadosamente elaborados buscando criatividade e diversidade.

Estes três itens devem compor a estrutura do planejamento, assim como é apresentado em seguida.



**Figura 1** – Esquema do planejamento interdisciplinar a partir de uma tema gerador. Fonte: COSTA, Aurora. In: *O Contrato Social da Ciência: unindo saberes em educação ambiental*. Petrópolis: Vozes 2002.

### Resultados e discussão

Ao longo dos últimos cinco anos temos participado de eventos de formação de professores o que tem propiciado um lócus de experimentação da de caminhos para a EA. As respostas satisfatórias obtidas dão conta de que se trata de um processo de fácil assimilação pelo professores, com largas possibilidades de resultados que apontam para a interdisciplinaridade. Este aspecto é muito importante, pois, os conflitos ambientais, exigem comumente saberes multidisciplinares para a sua compreensão e solução.

A experiência de utilização desta metodologia, especialmente elaborada para o PAS/UFPB, foi realizada, até o momento, junto a coordenadores setoriais do programa - professores e técnicos de nível superior da UFPB de seis municípios- em momentos de oficinas de formação, e para os alfabetizadores destes municípios, durante a capacitação continuada promovida nas visitas aos municípios que coordenamos.

Como resultado destes momentos podemos apontar:

- a) plena aceitação da metodologia por parte dos coordenadores setoriais e alfabetizadores;
- b) facilidade na articulação dos conteúdos específicos de cada área com o tema gerador;
- c) reconhecimento da importância de discussões sobre conflitos ambientais dos lugares onde o PAS/UFPB atua.
- d) enriquecimento dos conteúdos;
- e) sentimento de propriedade e poder de dar solução aos conflitos vivenciados pelos munícipes.

Os relatos dos alfabetizadores dão conta da satisfação dos mesmos em perceberem nesta proposta, mais um elemento que se soma aos outros elementos que visam uma alfabetização cidadã.

Considerando a falta de oportunidades de discussões acerca de suas vidas, seus problemas e potencialidades, vislumbra-se ainda nesta proposta uma oportunidade ímpar de promoção de debates sobre os conflitos ambientais locais. Este aspecto também foi levado em conta pelos alfabetizadores e alfabetizadoras consultados.

### Conclusões

Como relatamos anteriormente, nossas experiências nas oficinas de formação de educadores foram muito satisfatórias. Em todos os eventos houve total receptividade dos professores com relação à adoção da proposta, mesmo se tratando de algo novo, desconhecido para alguns. Estas reações apontam para possibilidades concretas de uma educação que dê conta de trabalhar os conflitos ambientais, ao mesmo tempo em que integra a realidade das pessoas à sala de aula.

Pretendemos dar continuidade à formação de professores alfabetizadores dentro desta proposta metodológica, ampliando para todos os municípios atendidos pela UFPB. Esperamos com isto estar contribuindo para o avanço da Educação Ambiental, de forma organizada e sistematizada.

No Programa Alfabetização Solidária, particularmente, o investimento na formação deve ser contínuo, pois, o PAS estabelece que haja substituição dos alfabetizadores a cada módulo, fato que exige a inclusão desta temática em cada planejamento de capacitação de alfabetizadores.

Esperamos que em anos vindouros possamos estar relatando que mudanças significativas ocorreram no que diz respeito à compreensão e ação de comunitários sobre seus conflitos ambientais.

Esperamos, principalmente, estar contribuindo com uma alfabetização cidadã, na mais rica expressão da palavra, expressa por Chassot (2003) em seu texto como sendo aquela que passa a ser exercida através de posturas críticas na busca de modificações do ambiente natural – e que estas sejam, evidentemente para melhor.

Enfim, almejamos ainda que ao perguntarmos: *O que ocorreu neste município?*, possamos ouvir como resposta: *quando havia analfabetismo nesta região os alfabetizadores deram conta de levantar discussões na sala de aula sobre conflitos ambientais que enfrentávamos. Hoje somos capazes de compreendê-los e agir para minimizá-los.*

### Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999. 181 p.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica:** questões e desafios para a educação. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. 440 p.

COSTA, Aurora Maria. Figueiredo Coelho. Educação Ambiental no ensino formal: necessidade de construção de caminhos metodológicos. In: Vozes. **O Contrato Social da Ciência: unindo saberes em educação ambiental**. Petrópolis, 2002 p. 137-171.

COSTA, Aurora Maria. Figueiredo Coelho. Formação de professores para a inclusão da Educação Ambiental no Ensino Fundamental. MEC/COEA. **Panorama da Educação Ambiental no ensino fundamenta**. Brasília. 2001, p 83-87.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo . **Conscientização**. 3 ed.São Paulo: Moraes, 1980

GAUDIANO, Edgar González. Como sacar del como a la educación ambiental? La alfabetización : un posible recurso pedagógico-político. **Nueva Epoca**, Mexico, n. 40, 1996 p. 38-41.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.

SANTOS, Elizabeth da Conceição. MEC/COEA. **Panorama da Educação Ambiental no ensino fundamenta**. Brasília., 2001. p 25-31.

SORRENTINO, Marcos. EA pode combater a miséria. **Educador Ambiental**, v. 1, n. 4, p. 5-6, jul./ago. 1994.

ZAKRZEVSKI, Sônia.SATO, Michèle. Rima, **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos, 2001. p. 63-84.